

RUBENS POLICASTRO MEIRA

A QUESTÃO SOCIAL E O LIVRE ARBÍTRIO

*Liberdade para pensar e agir segundo a sua vontade.
Essa liberdade depende do grau evolutivo do Espírito.*
in O LIVRO DOS ESPÍRITOS - Perg. 843 a 872, obra codificada por Allan Kardec

Na atualidade os fatos nos mostram que vivemos em uma sociedade cujos princípios baseiam-se na liberdade de mercado como organismo regulador das relações econômicas e sociais. Tal mercado determina as condições sob as quais efetuam-se as trocas, regula as condições para aquisição e venda da mão de obra, visando uma lucratividade maior, pois a energia e a capacidade humanas são transformadas em objetos, em artigos, que são trocados.

Na sociedade em que vivemos, quem possui o capital pode comprar trabalho e exigir que se trabalhe para um retorno, o maior possível, relativo ao investimento de seu capital.

Quem possui a força do trabalho, o trabalhador, deve vendê-la aos capitalistas, mediante as condições de mercado, sempre aviltantes, a menos que juntamente com sua família morra de fome.

A sociedade atual reflete-se numa estrutura econômica de valores, onde o capital comanda o trabalho; onde as coisas acumuladas (riquezas) têm valor superior ao homem (que possui a força de trabalho), e àquilo que é vivo, que tem vida.

Neste processo de globalização da economia, testemunhamos a crescente centralização e concentração de capital. Grandes conglomerados crescem continuamente, enquanto as pequenas e médias empresas vão sendo expulsas do mercado, por falta de competitividade, fazendo-as cair na clandestinidade ou no mercado informal.

Um crescente número de pessoas deixa de ser independente para tornarem-se dependentes dos que dirigem os grandes impérios econômicos.

O indivíduo perde sua individualidade, passa a ser um número, um código, um parafuso a ser gasto, consumido pela máquina.

Tal estrutura econômica, social e política, tem dado como resultado, seres humanos alienados de si mesmo, de seus semelhantes e da natureza, pois que se transformaram em artigos, objetos.

Passam a ver sua força de vida como um investimento que deve produzir o lucro máximo, ao capitalista, sob as condições de mercado existentes.

As relações humanas passam a ser inseguras, ansiosas. Ao mesmo tempo que todos tentam estar próximos aos outros, todos se sentem sós, invadidos pelo receio de perderem o trabalho, o emprego.

Nesta engrenagem tudo passa a ser objeto de troca e consumo; os valores materiais e os espirituais.

Podemos verificar então que o homem não dispõe de seu livre arbítrio, pois ele somente é livre quando e onde possui meios de superar e dominar suas motivações.

A sociedade estruturada no conceito materialista, consumista, excluindo imensas parcelas dos seres humanos da utilização dos bens, fez do homem um ser inclinado a oprimir o próprio semelhante. A ciência, a reboque dessa mesma sociedade, o fez mau. A sociedade, materialista, não proporciona ao homem a compreensão de que ele é o artífice do seu destino; de que tem de esculpir a grande obra do espírito na rude matéria, ao longo da vida.

Por ser a sociedade materialista, transmite ao homem as concepções materialistas, e o homem olvida então o espírito. Tudo é matéria. Vivamos o aqui e agora.

Felizmente um número ponderável de criaturas, não pensa como a sociedade materialista. Fazemos parte dessas criaturas, pois entendemos que o homem é o único responsável pelo seu próprio destino. Para dar uma amplitude maior ao conceito, podemos substituir a palavra destino, que traz um sentido determinista e fatalista, pela palavra caminho, com a finalidade de melhor entendermos não apenas a livre trajetória humana, objetiva, existencial do homem em cada encarnação, mas também a sua caminhada no processo evolutivo interior, de sua responsabilidade como Espírito ao longo de variadas vidas, constituindo um aprendizado cumulativo e progressivo, em razão das leis naturais de causa e efeito e de reencarnação.

No entanto devemos entender que a escolha do caminho, não esta totalmente em cada um, mas sim, também, nas influências exteriores, às quais como Espírito que é, cede por sua espontânea vontade, tendo em vista que o livre arbítrio é decorrente do desenvolvimento e da vontade do Espírito.

Allan Kardec, in **"O Livro dos Espíritos"** à questão 544, nos informa que *"o homem pode agir sugestionado por influências exteriores, no entanto, dado ao seu livre arbítrio, ele pode raciocinar para distinguir uma idéia certa de uma falsa, e obviamente deverá sofrer as conseqüências pelo comportamento errôneo"*.

Tal procedimento se aplica a todos os seres humanos, dirigentes e dirigidos, empresários e empregados, capitalistas e proletários, governo e governados.

Ver-se-á a grande responsabilidade, perante a lei de causalidade, que assumem todos aqueles, com raras exceções, que detém em suas mãos o poder. Seja o poder político, o poder do capital, o poder de direção, etc. Como o capital não possui ética e moral, a sociedade paulatinamente passa a ser aética, imoral e amoral.

Tais detentores, em vez de colocarem no alto os princípios morais e éticos da solidariedade e de lutar por eles, colocam no alto os seus interesses materialistas e sobre eles forjam princípios fictícios, falsos, os quais acabam por atingir a massa humana que passa igualmente a vivênciá-los, agindo por instinto na luta pela sobrevivência. Muitos se equiparam aos brutos, aos animais.

Allan Kardec, in **"O Livro dos Espíritos"**, questão 595, enfoca:

"O comportamento do homem, que possui livre arbítrio, na maioria das vezes pode ser comparado ao comportamento dos animais, que agem por instinto, onde a liberdade (dos animais) é limitada pelas suas necessidades".

Na sociedade o comportamento do homem, movido pelo instinto, demonstra falta de progresso espiritual, no entanto, com o progresso material ele pode reconhecer os fatores negativos e errôneos de sua conduta, pois que todos possuem, em sua consciência uma percepção de sua origem, como Espírito, e de sua finalidade na terra, como encarnado. A grande maioria dos homens já compreendem por intuição, o dever da solidariedade recíproca, já compreendem o mal que fazem, e somente não agem com solidariedade e fazem o mal para satisfazer suas paixões, seu

egoísmo (obra citada, questão 670). Esta compreensão advém do progresso intelectual que propicia discernir o bem e o mal, o certo e o errado. O livre arbítrio se desenvolve, seguido pelo desenvolvimento da inteligência, aumentando, assim, a responsabilidade do homem pela sua conduta, pelos seus atos (obra citada, LE questão 780).

O maior obstáculo ao desenvolvimento e progresso moral do homem, são o orgulho e o egoísmo. O progresso intelectual que deveria conduzir o desenvolvimento moral do homem, ante àqueles obstáculos (orgulho e egoísmo) aumentam a sua intensidade, passando a desenvolver a ambição, o amor e o poder pelas riquezas.

Com o passar do tempo, o ser olvida os nobres ideais e as crenças, colocando na profundidade da alma a perfídia, a mentira. Passam a desprezar o vencido, ainda que seja um justo, um honesto, e a glorificar o vencedor, ainda que seja um crápula, um desonesto.

Crendo apenas na matéria, confiam apenas no dinheiro, na riqueza e na força. Esquecem-se, porém, que a matéria, a riqueza e a força os trairão.

A sociedade estruturada como a nossa, materialista, cria conceitos superficiais de negação de toda disciplina moral e ética. Opondo-se ao conceito de que o homem é responsável, esquecem-se de que ele não vive isolado, mas em sociedade que deve ser um organismo vivo onde cada membro tem um trabalho a cumprir.

A vida não é repouso, mas esforço de conquista.

A sociedade precisa lembrar que acima dos interesses materiais, esta um interesse maior, urgente, que a todos diz respeito: a solidariedade, o amor.

É importante lembrar aos governantes e legisladores: em qualquer instituição política, social, econômica e jurídica, que o trabalho, a propriedade, a riqueza, a organização do Estado em si, e o seu funcionamento, não são conceitos isolados, mas, sim, que são funções da lei, isto é, entrelaçam-se logicamente.

Urge saber que o livre arbítrio nos é concedido, pelas leis superiores da Vida, porque é necessário que sejamos livres e responsáveis e possamos dessa forma, em liberdade e responsabilidade conquistar a felicidade.

Como nos é concedido o livre arbítrio?

À medida que o Espírito evolui, cresce em conhecimento, dilata-se o livre arbítrio, forçando-o a libertar-se dos processos deterministas, que inconscientemente o conduzirão ao amadurecimento. O processo do livre

arbítrio surge paralelamente ao alvorecer, ao desabrochar da consciência. A sua aquisição proporciona ao ser conduzir o processo de seu adiantamento; uns adiantam-se trabalhando duramente na criação de conquistas espirituais; outros estacionam na indolência, preferindo o repouso ao trabalho fatigante em prol de seu progresso.

Há quem progride e há quem estaciona; quem acumule valores e quem os desperdiça. Daí as escalas divergentes de valores morais, éticos, econômicos, etc., que encontramos em nossa sociedade e no planeta.

Todos estamos no caminho, cada um com seus conceitos e preconceitos; cada um diferente dos demais; cada um plantando livremente com seus pensamentos, atos e ações a semente de onde irá brotar o inexorável destino.

Todos somos livres na escolha das causas nos nossos procedimentos; mas não somos livres na escolha dos efeitos e das reações que nos são impostos pela lei da causalidade.

Assim como a faculdade de escolher e de dominar cresce, aumenta, com a capacidade e o merecimento, também cada escolha, no caminho, nos libertará ou nos prenderá aos processos regeneradores. Dessa forma **o livre arbítrio não é um fato constante e absoluto, mas um fato progressivo e relativo, ao desenvolvimento espiritual que cada um tenha atingido**. Não obstante a nossa liberdade, o processo evolutivo traçado pelas leis superiores da vida permanece inviolável, pois nossa liberdade é relativa e nossas ações nada podem alterar a não ser no que diz respeito a cada um de nós mesmos.

A lei no plano da matéria é determinista; no plano do Espírito é liberdade; pela evolução processa-se, para o Espírito, a passagem do determinismo ao livre arbítrio.

Com a evolução do ser ao longo dos milênios, amplia-se a consciência e conseqüentemente as responsabilidades. Instala-se no ser uma ética e uma moral, racional, que traça os grandes rumos da vida individual com poderosos reflexos no campo social. **Tal ética e moral não impõe; não obriga. Ela é simplesmente racional e se dirige a seres racionais**. Não invoca as iras de um deus vingativo; simplesmente indica e mostra as reações naturais e inevitáveis de uma lei íntima, que é inviolável, perfeita, justa. Nesta ética e nesta moral estão as chaves de todas as dores, de todos os sofrimentos, de todas as diferenças existentes. Se quisermos ser maus, aéticos, imorais, sob quaisquer pontos de vista (e o podemos ser pois a liberdade é sagrada) serão nossas as conseqüências, porque a lei de causalidade (causa e efeito/ação e reação) é inviolável.

Na inferioridade, na indignidade, na vileza, na torpeza da natureza humana gerados pelo orgulho e pelo egoísmo, está a causa de todos os males, e na ascensão espiritual todo o remédio para saná-los.

Voltemos à sociedade em que vivemos e sua estrutura econômica tipicamente hedonística.

A ciência econômica, materialista, parte da premissa hedonística, que na teoria socrática *"do bem e do útil, da prudência..., produz, entendida pela índole voluptuária de Aristipo, o hedonismo, ou a filosofia, em que toda a humana bem-aventurança se resolve no prazer."*

O hedonismo é a *"doutrina que considera que o prazer individual e imediato é o único bem possível, princípio e fim da vida moral"*.

As bases reais do fenômeno econômico, estão na aplicação da natureza egoísta do capital no campo dos negócios; que o mercado não é um equilíbrio de direitos, mas uma medição de forças para um estrangulamento recíproco; onde o homem é uma fera envernizada de civilização; onde a ciência (econômica) que o estuda é a codificação do egoísmo, isto é, do instinto mais desagregador do conjunto social.

O princípio hedonístico é um princípio anti-solidário, de desagregação que a sociedade econômica traz em si como insanável vício de origem e que reaparece em momentos de crise, como a que passamos na atualidade. Egoísmo de capital, de trabalho, de produtor, de consumidor, egoísmo individual, de classe, de nação (regime protecionista) etc. etc.

Tal fenômeno econômico é a expressão da lei do mínimo esforço, tomando sempre a forma de coação.

Nesta estrutura econômica o equilíbrio entre a oferta e a procura é a resultante de uma luta; a oferta de um produto mais não é do que a exigência de um preço; tudo passa a ser movido pela necessidade própria e não pela consciência das necessidades recíprocas.

Demonstra-se sua verdadeira natureza: uma estrutura, um sistema econômico e social prenhe de atritos, um equilíbrio fatigante entre forças contrárias tentando suprimirem-se, agravadas pelo peso do egoísmo.

Não podemos nos esquecer do princípio *"dou para que me dê"*, onde o egoísmo avança triunfante, seguindo a lei do mínimo esforço, em busca de equilíbrios novos, falsos, mas que conservam sempre sua marca originária, o egoísmo destruidor.

O instinto hedonístico de grande parcela da sociedade, na sua inconsciência de todos os outros valores sociais, avança pisando e destruindo tudo, contanto que se realize a si mesmo; força primitiva (instinto), brutal, e princípio de destruição da sociedade, à qual se devem infinitas crises e reveses.

Olhemos com os olhos de ver o que se passa ao nosso redor e alhures. Vemos que os bens, não seguem o caminho da necessidade; a riqueza é atraída pela riqueza e foge da pobreza. A psicologia hedonística faz com que o dinheiro corra para onde não tem serventia (vejam-se os impostos, o repasse de verbas da União aos Estados e Municípios), e o afasta de onde poderia suavizar a dor, proteger a vida (saúde, educação, segurança). Todos se afastam do fraco, do vencido, do excluído e, mal uma fraqueza se manifeste, tudo concorre para agrava-la, empurrando a vítima para o declive da ruína.

A riqueza do Estado, a distribuição das verbas, dificilmente alcança a sua finalidade, que deveria ser a de se tornar um meio de vida e de melhoria, para se tornar, como acontece, um meio de opressão, de corrupção, que absorve e destrói a vida, em lugar de fecunda-la e soergue-la.

Nosso século, que se finda, olvidou o Espírito, para criar ciência mecânica, materialista, formadora de toda nossa estrutura cultural. No entanto, as leis da vida, adormecidas por milênios, sofreram um choque repentino, e hoje estão acordadas para nos impelir em direção à nova civilização do terceiro milênio.

Tal civilização deverá ter como lema: ***Ama o teu próximo como a si mesmo.***

Para podermos vivenciar a nova fase que se aproxima, lembremo-nos que a vida é uma viagem, e nada mais possuímos do que as nossas obras.

A toda hora se morre e a toda hora se renasce, mas cada qual é sempre filho de si mesmo. A evolução, assinalada pelo movimento do tempo, não pode parar. Da mesma forma, não podemos parar pois uma grande influência, uma grande atração, a tudo rege: o Amor.

Ao nível da matéria chama-se atração e coesão; ao nível da energia, impulso e transmissão; ao nível do espírito, impulso de vida e ascensão.

Allan Kardec, in "***O Livro dos Espíritos***", questão 888-a, nos mostra que ***tudo se renova quando o Amor impera: "Amai-vos uns aos outros, eis toda a lei. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados, e a atração é a lei de amor para a matéria inorgânica"***.

Neste final de milênio estamos sendo chamados para as grandes verdades do espírito, onde cada ser vibrará e responderá, conforme a sua capacidade de vibrar e responder.

A Doutrina dos Espíritos fala ao nosso coração, à nossa consciência exortando-nos à elevação de nossa conduta.

Sabemos que os conceitos aqui expostos se encontram muito distanciados do mundo feito de mentiras e de desconfianças, porque no coração dos homens, e seus sistemas, dominam o egoísmo e a violência; não o bem, mas o mal.

No entanto, podemos alertar que se um princípio ético e moral, coordenador, não organizar a sociedade humana, ela se desagregará no embate dos egoísmos.

Estamos em uma curva da história, no alvorecer de uma civilização nova.

Não se amedrontem os justos e os aflitos, que observam a algaraviada humana que acompanha a falsa glória, a riqueza, o prazer, porque, se com isso alguém vence e goza por um momento, as leis da vida vigiam.

Os princípios éticos e morais puros se corrompem e então adquirem valor de mentira, que é o processo de desagregação dos ideais.

Momentos de dores e angustias se avizinham daqueles que de uma missão fazem uma profissão e põe o espírito por base do poder humano; daqueles que mentem e induzem à mentira; daqueles que dando exemplos de afortunada injustiça, a propõe como norma de vida; dos religiosos e das religiões que não desempenharam a função de preservar e salvar os valores espirituais do mundo.

Encerrando, repetimos as palavras daquele que deve ser o modelo para os seres humanos:

"Bem aventurados os que tem fome e sede de justiça, porque serão saciados".

"Bem aventurados os que choram porque serão consolados".